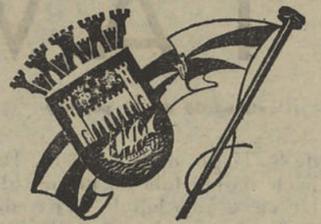




POVO ALGARVIO



SEMANÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 22503 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEFONE 22622 ≡ TAVIRA

TAVIRA

A cidade de Tavira é das mais agradáveis povoações do Algarve pela beleza da sua situação: uma formosa ponte de cantaria e de sete arcos dá comunicação entre as partes em que a divide o pequeno rio Asseca; na margem direita deste fica uma vistosa praça rectangular enobrecida pelos paços do concelho cujo frontispício assenta sobre a bela arcada de cantaria, na qual e na praça se faz diariamente abundante mercado: num angulo daquela existe embutida a figura da cabeça de um homem, feita de pedra, e que a tradição diz representar o esforçado D. Paio Peres Correia, que tomou aos mouros esta cidade, reinando D. Sancho 2.º.

Tavira oferece linda perspectiva a quem a contempla entrando pelo rio: para qualquer dos lados se descobrem fazendas de vinhas e arvoredos, alvejando por entre elas os casais branqueados, e notando-se os vários cursos dos regatos, que lhes prestam frescura e fertilidade; vêem-se na margem as marinhãs, choças de pescadores, e moinhos, e aquíém e além da ponte os edifícios da cidade bem caídos fazendo contraste com os seus quintais espaçosos cheios de verdura: fecha o horizonte a serra coberta de árvores de folhagem perene, como alfarrobeiras, oliveiras e medroneiros, a par das figueiras, amendoeiras e cepas, que matizam a paisagem nas estações próprias, juntamente com as

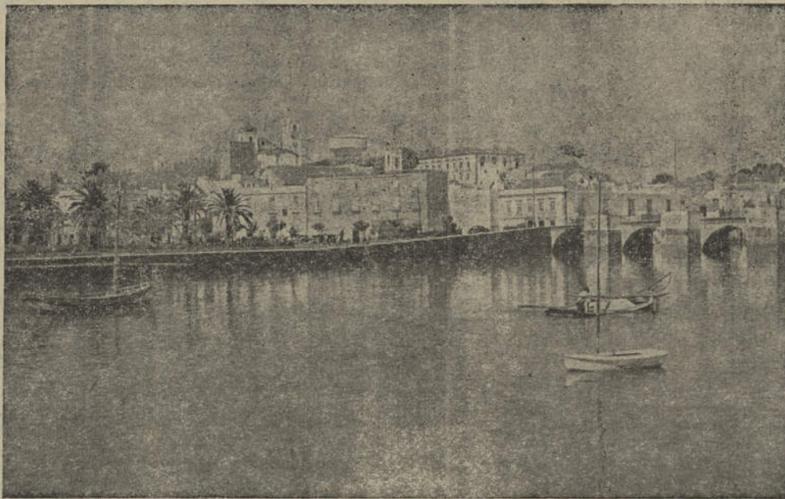
TAVIRA

ARTIGO com o título acima, que hoje damos à estampa, foi publicado em 1843, isto é, há mais de 130 anos, no jornal «O Panorama» pela primeira vez e transcrito há 33 anos no «Povo Algarvio».

Porque o referido artigo nos parece oportuno para apreciação dos tavirenses de hoje, publicamo-lo com aquele prazer que se sente ao falar das grandezas da nossa terra quer no presente, quer no passado.

Segundo uma nota da redacção que acompanhou o referido texto, a sua transcrição do «Panorama» ficou-se devendo à gentileza do sr. dr. José Alegre, que em 1940 exercia clínica em Castro Verde.

searas e os prados viçosos. São duas as freguesias, compreendendo acima de cinco mil habitantes: a de Santa Maria que fora mesquita de mouros, benta e dedicada ao Nome da Virgem, logo imediatamente à conquista, encerra o precioso



TAVIRA — Uma linda vista da cidade a espelhar-se no rio

depósito dos ossos do conquistador, D. Paio, que jazem ao lado do evangelho do altar maior, sendo para aí transportados por sua última disposição, do convento de Veléz, cabeça do mestrado da Ordem

(Continua na 2.ª página)

REPRESENTANTES PORTUGUESES NO CONGRESSO INTERNACIONAL DA «ASTA»

Este ano, o Congresso Internacional da «ASTA» — considerado o maior do seu género no Mundo Turístico — e que se efectuou na famosa Praia de Acapulco no México, contou com a presença dos srs. John Stilwell, Administrador da Sociedade Penina e da «Sointal», concessionária dos Casinos do Algarve, e Dr. Carvalho Cardoso, também Administrador da «Sointal».

Ambos se fizeram acompanhar de suas esposas e depois do Congresso da Asta, em Acapulco, seguiram directamente para os Estados Unidos da América do Norte em viagem de estudo e trabalho.

A Visita do Secretário de Estado do Trabalho e a Homenagem ao Almirante Tenreiro

A última semana pode dizer-se que foi bastante movimentada pois, para além das

(Continua na 2.ª página)

Eleições

Como aconteceu em todo o território nacional, as eleições realizadas no passado domingo, tiveram a maior afluência às urnas de todos os tempos e assim aconteceu no Algarve, cuja percentagem de eleitores foi das mais elevadas.

Isto só vem comprovar que o povo escutou a voz de Marcello Caetano, dando-lhe mais uma vez o seu incondicional apoio para a continuação da

(Continua na 2.ª página)



FACTOS E FIGURAS DO ULTRAMAR — Pelo PROF. MARCELLO CAETANO

Por Amândio César

Do Infante D. Henrique (aquele «que descobriu o mundo» até à paixão e redenção de Timor se estende a acção desta recolha de textos do Professor Marcello Caetano. Non novum, sed nova se apresenta, pois, a presente antologia, servindo um esclarecido sentido pedagógico, ou aquele sentido pedagógico que deve estar patente em todos os volumes carismáticos, de que «Factos e Figuras do Ultramar» é testemunho exemplar.

Efectivamente teve-se em conta, antes de mais, na confecção da antologia o ponto de vista de Max Scheller, quando este filósofo se referia às

personalidades matizes que moldavam o mundo à sua semelhança. Daí que, dirigido ao surto contestatário da nossa presença no mundo, se tenha de partir do princípio, isto é: do Infante de Sagres, esse Infante «que descobriu o mundo», para se terminar na paixão e redenção de Timor, essa que se ficou a dever a portugueses saídos de todos os estratos sociais, incluindo os condenados políticos que, exemplarmente, deram sua vida e seu esforço tenaz na recuperação de uma parcela cuja portugalidade era indiscutível. Nesta linha de rumo se situam os textos do Professor Marcello Caetano, retirados estes dos volumes em que temporalmente foram integrados, como prova testemunhal das preocupações ultramarinas do Autor, nas várias funções públicas em que exerceu o seu munus.

Nestes dois polos circularam cinco séculos de história, essa história que nos afirmou como povo e que nos marcou como vanguardistas não só da conquista de espaços territoriais, mas sobretudo, como portadores de

(Continua na 2.ª página)

APONTAMENTOS por DON CARLOS

ALGUÉM me disse, em renhida conversa há poucos dias ainda, que, «se fôssemos falar em ilegalidades», isso era um nunca-acabar! Todos nós, «frisou», as cometemos, de uma maneira ou outra! E' sem dúvida, uma tristíssima admissão de culpa. E, olhando bem, talvez seja assim mesmo... Acontece, porém, que a conversa tinha, na minha intenção e segundo meu entender, uma maior ligação a assuntos de moral, isto é, a algo

que dizia respeito à formação e orientação da juventude. Contudo, se nós encaramos os factos sem qualquer forma de subterfúgio, chegamos à conclusão de que, por exemplo, quem não paga o imposto profissional, rouba ao Estado. Ora roubar é desafiar o mandamento de Deus, «Não roubarás!» E', por isso, uma questão mo-

(Continua na 3.ª página)

Vai ser Reorganizada A Orquestra Típica Algarvia

A Secção Cultural da Delegação de Faro da Cruz Vermelha Portuguesa, pretende reorganizar a sua Orquestra Típica Portuguesa, sob a gerência do Maestro João Veiga, convida todos os interessados e antigos colaboradores a comparecer na sua sede, no edifício Lethes, no dia 7 do corrente, pelas 22 horas, para troca de impressões.

Dr. António Villa Lobos

Regressou há pouco de Madrid, onde fora tomar parte num Congresso de Radiologia Internacional, o nosso prezado amigo sr. dr. António Verol Aboim Vila Lobos, distinto médico-radiologista do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Faro.

TROVA

Às vezes o pensamento é para mim tão atroz Que até nas vozes do vento Ouço murmurar de nós.

V. P.

Terminado que foi o período eleitoral, em que muito se disse em desabono de causas e de homens, numa verdadeira poluição de que alguns espíritos mal formados se embui-

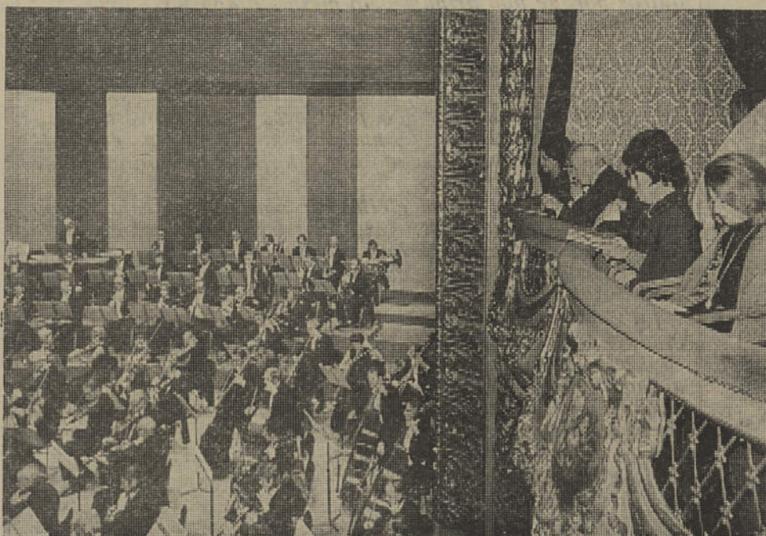
CONVERSA DA SEMANA

Palavras Oportunas

ram, voltamos à normalidade aparente. Falar com independência, criticar com dignidade, está certo, mas não procurar destruir nem ser detraído da verdade.

Como pode falar com independência quem

Continua na 2.ª página



O Chefe de Estado acompanhado por sua esposa, assistiu, no São Luís, ao concerto inaugural do Concurso Internacional Viana da Motta, no qual colaboraram a Orquestra Filarmonica de Zagreb, dirigida pelo maestro Mladen Basic, e o concertista Sequeira Costa.

TAVIRA

(Continuação da 1.ª página)

de S. Tiago, onde falecera. Da parte da epistola do mesmo altar vê-se uma lápide na parede com sete cruces avermelhadas; indica o local da sepultura honorífica, que o mesmo D. Paio mandou dar aos cavaleiros, que durante a trégua perceram traiçoeiramente às mãos dos mouros, não sem venderem caras as vidas, quando confiados no armistício saíram de Cacela para o divertimento da caça. Foi esta perfídia a causa para o acometimento de Tavira, que veio a cair para sempre em mãos dos cavaleiros da fé cristã. O templo de Santa Maria, não obstante os estragos do terramoto de 1755, ainda na capela-mór, que permaneceu íntegra, testemunha a primitiva construção gótica: reconstruído pelo bispo D. Francisco Gomes, ao estilo moderno, é actualmente uma igreja espaçosa de três naves, e que recebe bastante luz.

Na paróquia de S. Tiago há para notar a capela do Sacramento em razão das pinturas e ornato. Na capela dos terceiros do Carmo, edifício particular da ordem, há boas pinturas do painel de Rasquinho. Nas outras igrejas não há que mencionar-se à excepção de que no mui antigo convento de franciscanos os respectivos irmãos terceiros tem sua capela afomoseada com mármore pretos, extraídos do serro do Cavaco, vizinhanças de Tavira. O mosteiro de religiosas de S. Bernardo é situado extramuros e num vasto rossio, que facilita aos habitantes da cidade ameno passeio, donde se desfruta a vista de mar e da variada paisagem circunvizinha. O hospital a que chamam de S. José tem de rendimento três contos de réis, e a Casa da Misericórdia perto de um conto de réis: os seus edifícios não oferecem incentivos à curiosidade. Esta cidade goza de mui apreciável vantagem de possuir abundâncias de águas.

Os géneros produzidos pela agricultura do concelho de Tavira são em geral de boa qualidade; dá este território bastante vinho, que é o melhor do Algarve, e abundância de azeite, cujo fabrico muito importa melhorar, pois que está sendo objecto atencioso de exportação; nos anos de boa colheita de azeitona saem dos 27 lagares do concelho para cima de setenta mil almudes, que não só se consome nos outros distritos do Algarve e do Baixo Alentejo, como também se exportam para Gibraltar, porto que também daqui recebe muita e boa alfarroba, a qual é igualmente procurada por embarcações da Catalunha e da Sardenha, tendo chegado a vender-se a mil réis o sacco. Os outros géneros são, amêndoa, figo, resinas, cera, mel e feixes de cana, que se exportam para Inglaterra e Países-Baixos: além destes merece especial menção a graã de carrasco, ou kermes tão preciosa na tinturaria e que obtem aqui bom preço, vendendo-se para Gibraltar, onde a vem tomar embarcações de Génova, Liorne, Marselha e outros portos. Este produto do nosso país, que não aproveitamos é como se acaba de ver tão procurado pelos estrangeiros: só no ano de 1836 se despacharam, para exportação, na alfândega de Tavira 1430 arrobas desta droga, havendo quem presume que talvez outro tanto saísse tirado por alto. Nos contornos da cidade há belas quintas, povoadas de arvoredos frutíferos; e os pomos são de excelente qualidade. Posto que o terreno crie boas searas, contudo não são quantas eram precisas para abastecer de cereais os habitantes do concelho, que vão buscar o suprimento de

trigos ao Baixo Alentejo em retorno do azeite da própria layra, que para essa província transportam.

As pescarias, assim de peixe miúdo, como de atum e outro peixe grosso, foram aqui de grande monta; mas progressivamente tem chegado a muita decadência. O Porto admitia outrora navios de alto bordo, e floresceu em comércio, como pode ajuizar-se das providências tomadas em côrtes, e das isenções e regalias concedidas pelos nossos monarcas, que vem citadas na Corografia do Algarve pag. 367 e seguintes. — Na alegação que pelos anos de 1662 e 1663 fez por parte dos habitantes a Comarca de Tavira para obter feira franca no 1.º de Outubro (pertenção que os de Faro impugnavam) entre os serviços provados com documentos, que se apontavam, vinham como principais os seguintes: — «Que à custa dos moradores desta cidade, então opulenta, foi a maior parte do socorro mandado à praça de Mazagão: e com efeito por ocasião do cerco desta em 1576 e do de Arzila em 1516 tinham eles feito assinalados serviços. Que ali internavam as galés de Portugal, e dali saíam com gente e munições a tomar ou afugentar os mouros e outros piratas que infestavam a costa. — Que socorreram Faro, quando os ingleses lhe puseram fogo, e obrigaram estes a embarcar, conseguindo que a cidade não fosse inteiramente incendiada. — Que Tavira em mais antigos tempos fôra tão rica e populosa que possuía mais de setenta embarcações, sem falar nos barcos e artes de pescaria: gozava então de feira franca, isenta de muitos direitos de alfândega, em todos os três meses de Setembro, Outubro e Novembro». — Vários e importantes privilégios, que por brevidade omitimos, lhes foram em diferentes datas concedidos. — As armas da cidade constam de uma ponte com dois castelos e um navio à vela por baixo da ponte.

Farmácias de Serviço

3 a 9 de Novembro

HOJE — Farmá. FRANCO
DOMINGO — SOUSA
SEGUNDA — MONTEPIO
TERÇA — ABOIM
QUARTA — CENTRAL
QUINTA — FRANCO
SEXTA — SOUSA

CONVERSA DA SEMANA

Palavras Oportunas

Continuação da 1.ª página

recebe benesses? De mal agradecidos está o inferno cheio!
Há quem veja os problemas a seu modo e censure os outros porque não afinam pelo mesmo diapasão.
Já Camilo afirmava que a valentia moral não tem Capitólios na sociedade imorigerada; mas tem-nos na consciência do próprio que a experimenta.
Criticar tudo e todos, destruir e ameaçar é mediocridade pois só os mediocres são populares e um provérbio muçulmano conta-nos que de um rato não pode nascer qualquer animal de casaca sendo um rato para dar continuidade à espécie dos roedores.
Por sufrágio, foram eleitos os novos representantes do povo na Assembleia Nacional e, por isso, cá ficamos aguardando a sua acção em defesa dos interesses do Algarve na quele areópago político, como um sonho-realidade, pois já Padre António Vieira disse que os sonhos são a imagem da vida. Cada um sonha como vive. Os sonhos são uma pintura muda, em que a imaginação, a portas fechadas e às escuras, retrata a vida e alma de cada um, com as cores da sua acção, dos seus propósitos e dos seus desejos. Não há espera para a onsdia nem freio para o temor, como a memória do próprio nascimento. Só os analfabetos de espirito levam a vida a apedrejar os que temem por ignorância.
Aguardemos com calma!

EGO

A Visita do Secretário de Estado do Trabalho AO ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

sessões de esclarecimento promovidas pela A.N.P. em todo o Algarve, a província recebeu a visita do sr. Secretário de Estado do Trabalho Dr. Silva Pinto, a quem o corporativismo português já muito deve, tendo presidido à inauguração das Casas do Povo da Conceição de Faro e de Paderne e a finalizar, em Lagos, a homenagem prestada pelos pescadores ao sr. Almirante Henrique Tenreiro, que foi uma verdadeira apoteose e a mais expressiva manifestação de amizade e gratidão.

Todos estes actos contribuíram para movimentar e agitar mesmo a vida dos trabalhadores algarvios que quiseram estar presentes, marcar posição em tais circunstâncias, porque isso representava não só o seu apoio à causa do corporativismo com o seu mais expressivo agradecimento aos benefícios recebidos pelas novas leis sociais.

Dada a extensão dos textos não é possível transcrever conforme desejariamos as brilhantes afirmações feitas e que muito apreciamos.

TOTOBOLA

Concurso n.º 10 — 11/11/73

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Lamas — Lourosa . . .	x
2	U. Coimbra — Espinho . .	1
3	Avés — Famicão . . .	1
4	Tirsense — Fafe . . .	1
5	Sanjoanense — Braga . .	1
6	Sintrense — Caldas . . .	1
7	Almada — U. Tomar . . .	1
8	Sesimbra — Lusitano . . .	2
9	Barcelona — At. Bilbao . .	1
10	Málaga — Múrcia . . .	1
11	Oviedo — Granada . . .	2
12	Valência — Real Madrid . .	2
13	Elche — Espanhol . . .	1

V. P.

Eleições

(Continuação da 1.ª página)

grande obra de ressurgimento nacional a que se propôs.

Pormenorizadamente, no concelho de Tavira, verificaram-se os seguintes resultados: Número de inscritos, 4425; abatidos por certidão, 25; aumentados por certidão, 18; total rectificado, 4418; número de votantes, 3579; percentagem, 81%; votos válidos, 3576; percentagem, 80/94.

Factos e Figuras do Ultramar

(Continuação da 1.ª página)

uma civilização em diálogo aberto com as realidades locais, dada a diversidade de territórios geográficos e de territórios humanos. O nosso comportamento como civilizadores não podia ser o mesmo na África e no Brasil, na Índia ou no sul da Ásia, quando contactamos a China e o Japão.

De qualquer forma é neste espaço de tempo que a Nação se afirma e se dimensiona na medida exacta que ela hoje apresenta. Só a partir desta realidade podemos discutir e podemos tomar posição quando estranhos ao nosso viver (nacionais ou estrangeiros) a pretendem alienar ou retaliar. Conjuntura que não é um facto, só, de nossos dias, mas que nossos dias repetem, comprovando as palavras de Abel Rey no seu tratado sobre o eterno retorno.

Daí a oportunidade dos prefis de Mouzinho (capitão da mocidade), de João de Azevedo Coutinho (o «da vida gloriosa»), de Sá da Bandeira (aquele que superior a partidos, tinha como seu lema «disponham de mim, estou pronto»), de António Enes (o jornalista que «a cada passo deixa transparecer o homem de Estado») — todos eles, na segunda metade do século XIX, continuadores daqueles outros que deram o melhor do seu labor e da sua inteligência — Ao Serviço do Império! Daí a afirmação feita no início destas notas: que a presente antologia tinha ou possuía um alto sentido pedagógico. E que não há melhor pedagogia do que aquela que emana ou provém da experiência histórica. E essa experiência histórica, por caminhos diversos, é uma realidade passada ao serviço de problemáticas presentes. Pois que às perplexidades dos homens públicos do século XIX, aquele que nos está mais perto por semelhanças quase absolutas, responderam da maneira que responderam as personalidades matrizes que o Professor Marcello Caetano aqui apontou a todos nós, os mais jovens e os mais idosos.

Efectivamente todas estas matrizes se nos impõem pela magistral síntese que de suas vidas fez o Autor dos textos. Vinham de pontos divergentes mas todas souberam convergir para o interesse comum, em momento em que a terra mater era ameaçada por voracidades que, no seu devorismo, pouco mais lhe deixariam do que o território europeu, que mesmo ameaçado na sua independência, por um imperialismo que, até então não aceitaria o determinismo histórico. Em vez de colocarem as suas divergências pessoais na primeira linha dos seus anseios, estes homens que o Professor Marcello Caetano aponta, puseram a Pátria acima de tudo. Daí a exemplaridade da sua arrancada, daí a exemplaridade do nosso comportamento colectivo na defesa do território africano. Vencemos as conferências internacionais e as intrigas de embaixadores e de embaixadas, porque, quem governava tinha a serviço homens desta estatura moral.

Para nossos dias tumultuosos o exemplo ou exemplos apontados nas páginas de «Factos e Figuras do Ultramar» deverão constituir motivo sobejo de meditação. E' esse o fim primeiro das antologias: arquivar o melhor e conduzir o leitor à meditação sobre os textos apontados e seleccionados. Meditação tanto mais fácil de fazer quanto é certo estarmos diante de textos, escritos por um autêntico historiador que sabe usar do vernáculo, adocando as suas asperezas e dando vida, através do estilo, a ocorrências que o tempo poderia deixar sepultar sob o peso das suas cinzas.

Daí que seja de aconselhar a leitura e meditação nestas páginas vivas de história viva, mormente em tempo de contestação, em que todos temos de chamar a nós todas as nossas forças interiores para nos não deixarmos arrastar nas águas lodosas das tempestades que dia a dia se apresentam à vista desarmada.



Agenda

Telefones úteis:

Hospital e Maternidade . . .	22135
Bombeiros	22122
Bombeiros Ambulância . . .	22123
Serviço de Urgência de Ambulância . .	115
Poçeta	22022
Guarda N. Republicana . . .	22417
Brig. de Trâns. da G.N.R. . . .	22458
Câmara	22005
Táxis - 22704 - 22077 - 22540 - 22467	
22460 - 22498 - 22439	
Repartição de Finanças . . .	22616
C. I. S. M. I.	22015 - 22016
Camionagem de carga . . .	22527
Camionag. de passageiros . . .	22546
Serv. Munip. água e luz . . .	22054
Posto de Turismo	22511
Tribunal	22001
Notário	22089
Estação dos C.T.T.	22111 - 22112
Escola Técnica	22596
Liceu	22582
Estação do C. de Ferro . . .	22554

Vida Religiosa

Horário das missas dominicais:

As 8 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda
As 9,30 horas — Santa Luzia.
As 11 horas — Santa Maria do Castelo.
As 12 horas — S. Francisco.
As 18 horas — Sant'Iago.

De Semana:

As 8,30 horas — Sant'Iago.
As 9 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda.

Sábado:

As 16,30 horas — Sant'Iago.
As 21,30 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda
(Missas para cumprimento do preceito dominical)

CINE-TEATRO

ANTÓNIO PINHEIRO

Espectáculos da semana:

Hoje — *Get Carter e A Minha Filha é um Problema*, m/18 anos.
Domingo (em matinée e soirée) — *Asilo Político e O 1.º Super Homem*, m/14 anos.
Terça-feira — *América, América, Para Onde Vais? e O Meu Funeral em Berlim*, m/18 anos.
Quinta-feira — *Sete Vezes Sete e A Mergem da Lei*, m/10 anos.

Festival de Canção de Almansil-73

POR falta de espaço é-nos impossível publicar hoje a notícia completa.

Podemos entretanto registar que o festival, idealizado e realizado por Diamantino Valente Brito, gerente do cinema «Miranda» de Almansil-Poço, Faro, foi muito concorrido e que os representantes de Tavira Armando Parra e Waldemar Ramos (pai e filho) foram classificados em 3.º e 4.º lugares, respectivamente.

Foram sem dúvida a melhor parte do espectáculo e com eles uma magnífica actuação do Rancho Folclórico da Fuseta e do Conjunto POP 71. José Chela esteve presente. Fazia parte do júri.

Câmara Municipal de Tavira

Convocação do Conselho Municipal

Sessão Ordinária

Não se tendo realizado, por falta de quórum, a sessão do Conselho Municipal marcada para o dia 14 de Setembro findo, convoco no uso da competência que me confere a art.º 31.º e para efeitos da 2.ª parte do art.º 29.º do Código Administrativo, os Ex.ªs Vogais do Conselho Municipal para nova sessão ordinária a realizar no dia 8 de Novembro próximo, pelas 15 horas, na sala das reuniões desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Tavira, 25 de Outubro de 1973

O Presidente da Câmara,

Luís Távora
Eng. Agr.

APONTAMENTOS

(Continuação da 1.ª página)

ral. Está certo! Temos muito a dizer sobre este tema. Dá para uma crónica, pelo menos. Fica para um «Comentário», fica para outra ocasião. Entretanto, não posso deixar de me referir a isso, à questão do imposto profissional. Confesso que não tenho uma ideia fixa, certa, a esse respeito e terei de fazer perguntas a quem do assunto saiba melhor do que eu. Penso, mas posso estar errado, que em Portugal, como em outros países, só se paga o imposto profissional se as receitas atingem um X mínimo ao fim do ano. Não atingindo esse mínimo, bastará fazer uma declaração à Secretaria das Finanças, e até, em certos casos, nem tal declaração é preciso fazer. Mas de tudo isto falaremos, num «Comentário» em data próxima, como já disse...

* *

INCRÍVEL, incompreensível, mas aconteceu!

Contou-nos uma senhora nossa amiga, enfermeira diplomada, das mais competentes que temos conhecido.

Na noite de Domingo, 28 de Outubro findo, eram cerca das 20,30 horas, viajava ela numa camioneta da «Rodoviária», de Faro a Tavira. A certa altura, entre Olhão e esta cidade, avistou-se na estrada um pequeno ajuntamento de gente e carros. «A beira da estrada, um automóvel danificado e uma motorizada esmagada. No chão, a rebolar de um lado para o outro, um indivíduo, nitidamente torturado por dores, certamente vítima do desastre. A nossa amiga, tendo observado que a ambulância ainda não tinha chegado e o indivíduo sofria; apercebendo-se de que era urgente prestar os primeiros-socorros e, possivelmente, dar uma injeção que o acalmasse, que lhe reduzisse a dor, e, no caso de haver o perigo de um colapso cardíaco iminente, dar-lhe uma injeção para o evitar, dirigiu-se ao condutor da camioneta e pediu-lhe para parar e deixá-la sair. Explicou-lhe porquê, acrescentando que trazia na sua mala os medicamentos e uma seringa. O condutor disse que não podia nem devia parar. O revisor repetiu a afirmação do condutor. A camioneta não parou.

A nossa amiga ainda hoje «ferve» de indignação: «Fiquei absolutamente chocada!» «Não perdoarei», afirmou, «se o pobre homem morrer! Existirá sempre a dúvida — se me tivessem deixado cumprir o meu dever, teria ele morrido?» Deus queira que isso não aconteça, diz ela e dizemos nós!

O condutor (o «chauffeur» como é hábito dizer-se em português...) explica que não parou «porque à volta do sinistrado já havia bastante gente, alguém teria já telefonado para o 115», etc. O que dá a entender que pararia «se não houvesse ali ninguém!»

«A minha imediata responsabilidade» disse o condutor, «é para com os passageiros do auto-carro por mim conduzido...»

Mas, vamos lá, se não existe lei contra isso, não teria sido mais «humano» fazer uma pequena pausa, ter tomado nota da identidade da passageira que queria desembarcar, deixá-la sair, e prosseguir? É uma pergunta. Nada mais. Por enquanto, isto é.

* *

Joaquim Mascarenhas dos Mártires é o chefe dos jardineiros da Câmara Municipal de Tavira. Estivemos a conversar com ele, quando na semana passada passámos pelo jardim à beira do Gilão e vimos que se procedia à limpeza do lago à volta do coreto. Quando lá chegámos já estava o lago qua-

se completamente limpo, faltava ainda retirar da base alguns baldes de lama espessa, negra e cheia de eirós, ou, como diz o povo, «eirózes».

«Este é o maior inimigo dos peixes», disse-nos o sr. Joaquim, segurando uma enguia — como nós no Norte lhe chamamos — que retirara de um balde semi-cheio delas. Onde há lama, esclareceu-nos, «há disto!» Para mim, continuou, «isto é uma aflição! Sei lá, tenho uma paixão por estes peixinhos do lago. Custa-me ver aqui tanto lixo, tanta lama. Mas V, dirá, como tantos outros, a culpa disto está assim, tão sujo, deve ser dos jardineiros, da Câmara até! Não bem assim. Olhe! Veja bem!» E olhei. E vi bem!

O «dumper» da Câmara ali estava a recolher o material que tinha sido retirado do lago. Incrível! Eram garrafas de cerveja, vazias, claro! Eram boudes de madeira, latas de fatias de ananás, já enferrujadas, pauzinhos de plástico, desses que se usam nos gelados «Paiper», caixas de fósforo, filtros de cigarros (centenas), etc.!

Ainda este Verão, contou-nos o sr. Joaquim, um cliente do café da «splanada» foi «apanhado» em flagrante delito por um polícia, a atirar uma garrafa vazia de cerveja ou sumos para o lago. Foi multado. E bem multado. Infelizmente continuamos a viver numa sociedade em que «não havendo castigo reina a anarquia...» O que é preciso é que haja vigilância constante, e que ela seja bem aplicada. Exercendo rigor quando ele seja preciso. Tolerância, às vezes também. Mas sem exageros. Eis mais um tema para um outro «Comentário».

E por aqui ficamos, que falta o espaço. Até sábado... se Deus quiser!

Don Carlos

CORREIAS TRAPEZOIDAIS
em borracha
Casa Chaves Caminha
Avenida Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 725185

Actividades da F. N. A. T.

Basquetebol

Inicia-se na corrente semana o campeonato em epígrafe, com os seguintes jogos:

Banco Algarve — Farauto
B. F. Burnay — C. T. T.
C. Previdência — B. Algarve
C. Brás — Sacor

A competição deste ano parece-nos a mais equilibrada de sempre. Há meia dúzia de conjuntos de valor sensivelmente igual o que promete um campeonato muito curioso e emotivo. Serão apuradas duas equipas para o Campeonato Nacional Corporativo.

Ténis de Mesa

Inicia-se na corrente semana o campeonato corporativo desta modalidade — 1.ª categoria. Inscritos 10 atletas a saber: João Reis, Joaquim Gomes e Rodrigo Matos, (FIAAL); Jaime Varela e Feliciano Judas, (Montepio Geral); Anselmo Viegas, (B. Borges & Irmão); Leonel Santos, (Sacor); Paulo Vieira, (Sind. Emp. Esct); Ernesto Silva (CTT) e Alfredo Damaso (CRP de Ferreiras)

Será que Anselmo Viegas consegue facilmente a sua terceira vitória consecutiva? Cremos que sim, ainda que as dificuldades este ano sejam um pouco maiores.

Futebol

Embora haja 15 conjuntos inscritos ainda não é possível indicar quando se iniciará a modalidade mais popular do desporto corporativo.

Noticiário diverso

Previstos para o corrente mês 6 espectáculos de música e poesia em Lagos, Messines, Conceição de Tavira, Luz de Tavira, Alte e Moncarapacho.

Estão programados para o próximo ano — talvez em Janeiro — dois «Encontros com a Ópera». Um será em Silves, o outro em Faro.

Noticias Pessoais

Fazem Anos:

Hoje — Dr.ª D. Maria Ana Faleiro Magalhães Palma Rodeia e os srs. António Pacheco de Mendonça e Fernando José dos Santos

Em 4 — D. Lúcia do Nascimento Leiria, D. Júlia dos Santos, D. Maria dos Anjos Magro Caetano Gonçalves e D. Maria Margarida Galvão Casado.

Em 5 — D. Maria Isabel B. Olímpio, D. Rita Maria Fernandes Correia Celorico, dr. Rui João de Faria Pereira e menina Isabel Maria Bernardo Pimpão.

Em 6 — Srs. Casimiro Eduardo dos Santos e Carlos Alberto Leiria Ambrósio.

Em 7 — D. Celestina Lucinda Vaz Figueiredo Cardoso, D. Maria José Brito Gago Cansado, D. Marília Mendonça Coelho da Palma Valente, srs. Sebastião Artur Santana, António Tomás Viegas Pires, meninos Carlos Manuel Carvalho Bispo, Joaquim de Oliveira Madeira e Carlos Alberto Trindade Madeira Gomes.

Em 8 — D. Maria Cândida Entrudo Viegas, D. Maria Libânia da Conceição Costa, srs. Joaquim Jerónimo de Almeida e Orlando Augusto Soares e meninas Maria José dos Mártires e Maria Irene das Candeias.

Em 9 — D. Fernanda Falcão Trindade de Carvalho Cerqueira, D. Maria das Candeias Lopes da Cruz, D. Maria Fernanda Batista Amendoira e menino João Cavaco de Sousa.

Partidas e Chegadas

No gozo de férias, esteve nesta cidade com sua esposa e filhinhos, passando uns dias, em casa de seu avô o nosso velho e prezado amigo sr. João Picoito J.º, o sr. dr. Carlos Manuel Reis Costa Picoito, Delegado do Ministério Público na comarca do Barreiro mas presentemente prestando serviço como oficial miliciano no nosso Ultramar, que nos deu o prazer da sua visita amiga.

Casamento

Celebrou-se no passado dia 27 de Outubro, na paróquia de Luz de Tavira, o enlace matrimonial do sr. António Pereira Gago, funcionário da Panificação, filho da sr.ª D. Irma Pereira Martins Gago e do sr. Luís Tomás de Sousa Gago, com a sr.ª D. Maria Gabriela Pereira Lourenço, prendada filha da sr.ª D. Julietta da Graça Pereira e do sr. Luciano Graça Lourenço.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria João Patarata Martins e o sr. José Fernandes, comerciante e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luisa Gomes Pereira, funcionária pública, em Lisboa, e o sr. António Francisco Furtado Eleuterio, proprietário.

Foi celebrante o reverendo Arsénio Aguas, prior de Luz de Tavira, que fez uma brilhante alocação aos nubentes.

Finda a cerimónia, foi servido um lauto copo de água a cerca de trezentos convidados, em casa dos pais do noivo.

Ao novo casal que fixou a sua residência em Amaro Gonçalves, desejamos muitas felicidades.

Agradecimento

Beatriz Conceição Monteiro na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento de seu marido, **Virgílio Correia Monteiro**, bem como a todos que o acompanharam no seu funeral.

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

Avenida 5 de Outubro, 122 — LISBOA - 1

Rua do Campo Alegre, 732-6.ª - A — PORTO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA APLICADA

Seleccionamos

para

Empresa Nossa Cliente do Algarve

TÉCNICO DE CONTAS

Os candidatos devem possuir como habilitações mínimas o Curso Comercial e estar inscrito como Técnico de Contas na DGIC; ter experiência de Contabilidade mecanizada (máquinas clássicas) e de Chefia de escritórios.

OFERECE-SE:

Vencimento de acordo com a experiência e capacidade; 13.º mês; subsídio de férias; 1 mês de férias.

Respostas para a **NORMA**, com «curriculum» e vencimento pretendido. Guarda-se sigilo.

Indicar a Ref.ª 965/448/P. A.

COMENTÁRIO

(Continuação da 4.ª página)

«Não tenhas medo, Amor... verdade, quero ajudar-te... Olha, eu chamo-me Carlos. E tu? Como te chamas tu?»

Mas ela continuou o seu caminho, sem olhar para mim, acanhada e com medo.

Não a quis assustar, parei e acompanhei-a com o meu olhar.

Ela também parou, mas foi só depois de atingir um velho e ferrugento portão. Trepou o degrau, deitou a mão ao arame da campainha. Mas não o puxou. Olhou para mim.

Aproximei-me dela.

«Então, ainda estás com medo de mim? Anda, diz-me como te chamas...»

Fitaram-me os grandes olhos castanhos. Pareceu-me que tentou sorrir e não o conseguiu. Mas é que aquela criança nem sabia sorrir...

«Eu... eu sou a Natividade, sr. Carlos!»

«Natividade! Que lindo nome o teu E... moras aqui?»

Pequenos Apontamentos

(Continuação da 4.ª página)

que são autênticas vassouras deixando a perder de vista as que as cigarras usam.

De quem temos pena é dos barbeiros pela escassez que devem ter de fregueses. Em plena euforia de liberdade os cabelos tomam os mais fantasmagóricas criações.

Voltámos já ao escurecer pelo carro do Carmo e no largo bandos de pombos arrulham e debicam algum grão no chão. Uma menininha andava por entre elas de braços abertos como quem também queria vultear.

E com esta imagem fechamos as notas da nossa romagem.

TRINDADE E LIMA

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Pessoal de Enfermagem Distrito de Faro

Aceitam-se inscrições de Enfermeiros/as e Auxiliares de Enfermagem para exercício de funções em Postos Clínicos situados neste distrito.

Dirigir requerimentos à Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro, rua Infante D. Henrique, n.º 34, em Faro.

Faro, 30 de Outubro de 1973

A DIRECÇÃO

«Sim, sr. Carlos. Estou aqui, no Lar... E apontou com o dedo para cima, para o alto do portão.

Ali, em letras de ferro, lia-se «Lar da Criança»...

Sim, se essas letras de ferro não eram, pareciam!

Essa foi a razão da minha primeira visita ao antigo «Lar da Criança». Fiz outras. E o que vi, o que senti, foi o que qualquer ser humano (menos «forte», talvez!) sentiria.

Como essas crianças viviam, o que elas comiam, até os pratos de lata que elas usavam — tudo conjugava miséria e abandono. Era preciso arranjar mais roupa, sapatos, peúgas, mantas... Com o Natal às portas, ainda por cima! E comida? Algo mais substancial, algo mais sólido... em vez dessa dieta de farinha de milho para almoço e jantar!

Atordado, saí do «Lar da Criança», depois de ter impulsiva e irreflexivamente prometido à Natividade e às outras crianças que «pele Natal, teriam roupa e mantas e peúgas e chocolates e frango assado...» Mas como? Procurei «refúgio», uma espécie de «asil político» no Cine Café do sr. Lopes, aqui na Corredoura. Pedi um carioca fraco e a ferver e um «Miss Abolengos», uma bebida dessas que reanimam, já se sabe!

E foi ali que nasceu a ideia. Um espectáculo naquele teatro. Amadores e profissionais. O lucro seria «in toto» para dar a essas crianças um Natal menos triste, menos frio. Foi no Café do sr. Lopes que lancei o apelo. E em pouco tempo tinha à minha volta rapazes e raparigas do Liceu e da Escola Técnica. A ideia amadureceu e começou a concretizar-se no Restaurante «Mira» também na Corredoura, da Família Amaro. O meu «braço direito» na organização foram o Rui da Costa, filho do meu bom amigo dr. Cupertino Costa, e a Zulmira Amaro. Sem estes dois, é bem possível que o espectáculo se não tivesse realizado... Mas o teatro não se encheu. Os lucros foram fracos. Mas, mesmo assim, compraram-se roupas, cobertores, sabonetes, sapatos, lençóis, e até, para a árvore de Natal que se armou no Restaurante «Mira», rebuçados e bonecas. Algumas dessas crianças nunca tinham tido uma boneca... Se valeu a pena? Foi a primeira vez que vi a Natividade sorrir um sorriso tão feliz! Foi quando ela abriu a embalagem e dentro da caixa encontrou uma boneca quase tão alta como ela... Não teríamos podido comprar metade do que comprámos se não tivesse sido a boa-vontade do sr. Martins Dias, que disse logo aos empregados: «Tudo o que este senhor quiser comprar para as crianças... a meio-preço, pronto!»

Sim, no Natal de 1971, as crianças do «Lar» tiveram um dia alegre, muito alegre mesmo. E foram Tavirenses, quase todos, que o tornaram possível. E é justo, é preciso lembrar isso...

(Fim do Capítulo I)

Don Carlos

Promoção

Foi promovido a agente sanitário de 1.ª classe, ficando a prestar serviço no concelho de Tavira, o sr. Humberto Rosa Fernandes Simão.

LEIA E DIVULGUE O «POVO ALGARVIO»

SILÊNCIO!

Tavira, dois de Novembro, Dia triste de Finados, Com que saudades relembramos Eses meus antepassados.

Pai e mãe, numa visão De quando eu era menino, Despertam-me o coração No triste dobrar de um sino.

Outono da Natureza I Um desfolhar de amidades I Que é momento de tristeza Perfumado de saudades.

Irmãos, amigos, que exalam Lembranças de encantamento, Que há muito já não nos falam É são voz do sentimento.

Eco soturno do 'Além Que é todo envolto em mistério, Linguagem que exprime bem Uma cruz no cemitério.

Nesta data dolorida Não há poema que exorte Toda a beleza da vida, Todo o mistério da morte.

Neste reviver de estampas, Quero flores às braçadas Pra ir desfolhar nas campas Das almas abandonadas.

V. P.



Pela Província

Monchique

Grande Melhoramento dos C. T. T. em Monchique — Uma vasta região, sendo uma das mais populosas (muitas centenas de pessoas) e também uma das mais distantes da sede da freguesia de Monchique, cerca de 15 quilómetros, vai receber em breve um grande melhoramento, ou seja a instalação duma rede telefónica, para uma cabine, no sítio da Foz do Farelo.

Todavia, bom seria que com um pouco mais de esforço essa zona ficasse melhor servida não só de telefones, como ainda de postos de recepção e entrega de correspondência normal, para o que se requer aos C. T. T. que fosse colocado na mesma linha telefone público e caixa de correio no sítio da Portela da Viuva, a cerca de 7 quilómetros de Monchique. E também a rede telefónica, projectada até à Foz do Farelo, ter um prolongamento de mais 3 quilómetros para servir uma outra zona grande e populosa, cujos telefones, excepto o novo a instalar, estão a mais de 15 quilómetros, ou seja para Marmeleite e aldeia de S. Teotónio (Alentejo).

Para aqui foi feita uma campanha de assinaturas de cerca de 100, pedindo também uma cabine pública e uma caixa de correio, havendo pessoa disposta a aceitar este encargo. O mesmo se diz da Portela da Viuva. Espera-se, pois a boa vontade e compreensão dos C. T. T. em resolver os problemas de comunicação destas regiões do nosso querido Portugal.

Acrescente-se que estas gentes têm de se deslocar-se à sede do concelho para receber a correspondência que ordinariamente fica pelas tabernas, sendo recebida tarde e a más horas, causando transtorno às suas vidas. Agora havia a facilidade da camioneta da carreira levar as malas. — C.

Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve

Plano Anual de Actividades e Obras de Beneficiação

Reuniu na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve o Conselho Administrativo para apreciação do plano anual de Actividades e do Orçamento ordinário para o ano de 1974.

Após a reunião, a convite do director daquele estabelecimento de ensino, o Conselho Administrativo, sr. dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo e os membros presentes, percorreram demoradamente o edifício da Escola interessando-se pelo estado das obras nas secções que estão a receber beneficiação e equipamento adequado.

Novo Ano Lectivo

Vai iniciar-se o ano lectivo na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve.

Cerca de 140 alunos inscritos nos Cursos de Recepção, Andares, Bar, Cozinha e Mesa, começarão a sua formação técnica a fim de virem a ser futuros profissionais conscientes e bem treinados no sector da Actividade Nacional que actualmente se encontra em maior expansão.

Quatro Jornais da Imprensa Regional

Foram distinguidos com os Prémios da Agência-Geral do Ultramar

CRIDADOS, este ano, os prémios que distinguem o esforço em prol da divulgação da temática ultramarina — já no plano noticioso, já na publicação de artigos ou reportagens — mormente no que se refere à Imprensa da Província, verificou-se que esta dava ampla aceitação ao concurso, promovido pela Agência-Geral do Ultramar, Efectivamente, muitos foram os jornais concorrentes, quer do Continente quer das Ilhas Adjacentes, o que demonstra, antes de mais nada, a importância do Concurso e a audiência que ele teve na larga gama da Imprensa Regional, Diária, Semanária e quinzenal.

O júri para estes prémios reuniu no passado dia 11, depois de cada um dos elementos ter escolhido, individualmente, os propostos para decisão final, que foi decidida por unanimidade.

Faziam parte do júri o agente-geral do Ultramar, dr. José Fernando Nunes Barata, o Delegado da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, dr. Manuel Rino e o Delegado do Grémio da Imprensa Gentil Marques. O júri foi secretariado pelo dr. Amândio César, chefe do gabinete de Imprensa da A. G. U.

Analisado concorrente por concorrente, o júri decidiu que os prémios fossem outorgados aos seguintes órgãos da Imprensa Regional: «Jornal da Madeira», «Notícias da Covilhã», «Ecos de Marco de Canaveses» e «Notícias da Azambuja». Desta forma verifica-se que quatro regiões distintas do Portugal europeu poderão, através dos seus enviados, contactar directamente, durante um mês, com os dois maiores territórios portugueses da portugalidade: Angola e Moçambique.

Decidiu o júri atribuir, ainda, duas menções honrosas aos jornais «A Voz de Trás os Montes» e «Ecos do Bombarral».

Os prémios referem-se ao ano de 1972, no que respeita à inserção de artigos e notícias de carácter ultramarino, na Imprensa Regional.

Para o presente ano de 1973, abrirá no devido prazo, novo concurso. Este será comunicado, oportunamente, aos diversos órgãos de informação.

REGRESSO ÀS VIRTUDES PRUDENTES

O Instituto Internacional das Caixas Económicas celebrou em Milão, em 31 de Outubro de 1974, o seu 1.º Congresso. Ai se deliberou consagrar tal data a iniciativas destinadas a estimular o hábito da economia, prudente e repetida. Por essa razão se lhe chama o Dia Mundial da Poupança, como querendo significar que a todos ele se destina e a todos interessa.

No dito propósito se procede, pois, ao esclarecimento do público sobre as modalidades e vantagens de depósitos de poupança e em especial se referem as Caixas Económicas por serem as instituições que mais facilmente possibilitam a aplicação de pequenos capitais, fruto dum estilo de vida comedido e equilibrado.

Espalhados por cerca de 40 países existem mais de 5 600 Caixas Económicas. No dia 31 de Outubro todas se dedicam à tarefa de mostrar até que ponto se converte numa garantia de segurança e de tranquilidade independentemente esse hábito de outros tempos que tanta falta faz nestes que vão correndo: gastar menos do que se ganha ou se possui.

No nosso país, a Caixa Geral de Depósitos dá também execução às celebrações. A intenção destas é, porém, a mesma em toda a parte e, em resumo, apenas isto é, aliás, muito: criar em todos um sentido de precaução contra imprevistos do futuro através de pequenas economias que, repetindo-se, se tornem um hábito: ensinar como se pode tirar delas o maximo proveito; mostrar que instituições como a Caixa Geral de Depósitos estão ao serviço de todos.

Nos dias que vivemos, sobrecarregados de solicitações, com todas as despesas aumentando a um ritmo quase incontrolável, poderia parecer tarefa utópica esta de aconselhar às pessoas que gastem menos, que poupem o mais que puderem. No entanto, esse será o único procedimento capaz de nos criar defesas contra tal estado de coisas. Muitas vezes, o mal é deixar-nos ir na maré, e não fazermos um único gesto para lutar contra ela. Perante as solicitações de gastos que nos rodeiam até fazer-nos perder todo o sentido de equilíbrio económico, só um regresso a virtudes de modéstia e prudência poderá criar-nos forças de resistência.

Pequenas economias, somando pequenos rendimentos, algum dia virão a ser somas de certo vulto, oferecendo-nos uma base de tranquilidade que, perigosamente, desconhecemos ou ignoramos no ritmo vertiginoso da nossa vida actual.

Comentário

...A Propósito do «Lar da Criança»

A História da Campanha «Escudos Para A Criança Sem Lar» começou há cerca de 2 anos, mais ou menos. Hoje apresentamos o I Captulo...

... Há 2 anos, mais ou menos, estava eu sentado à porta, isto é, na esplanada do «Café Arcada», seriam umas três horas da tarde. Pedi ao sr. Macedo um bolo e um galão claro (a ferver!). Brilhava o Sol, mas soprava ao mesmo tempo um vento fresco. Sim, também faltavam só poucas semanas para o Natal. Estávamos de facto em fins de Novembro.

Preparei-me para saborear o fofinho e o galão (veio quente, mas a ferver é que não!) quando senti que alguém estava a olhar com intensidade para mim.

Os meus olhos encontraram-se com um par de olhos grandes, lindos, tristes e, perdê-me o leitor o choque, esfomeados. Furtivamente eles fitaram o bolo fofinho e copo de café com leite. Logo que a menina (pois era uma menina, que aparentava não ter mais que 10 anos, talvez 9) se apercebeu de que eu estava a olhar para ela, desviou os olhos para a frente e apressou o passo. Muito mal, coitadinha, quase caiu. Arrastava uma perna. Com imensa dificuldade. A bota do pé direito era mais pesada, tinha ferros. Uma vítima da Poliomielite. Depois de chegar à esquina da rua, seguiu para a direita, pelas «Escadinhas», a caminho da Igreja da Misericórdia.

Com fome! Seria possível! Mas já não me apetecia tomar café e muito menos comer o bolo fofinho.

Ainda a consegui apanhar. Já estava ela a aproximar-se, livros sob um braço e a bata da escola sob o outro, da velha Igreja.

Falei-lhe, olhou para mim com esses grandes olhos afogados num mar de tristeza. Não me respondeu. Eu queria ajudá-la, estendi o braço para segurar os livros, pelo menos. Parou, fitou-me amedrontada, desatou a correr, isto é, a caminhar com maior rapidez.

(Continua na 3.ª página)

Homenagem aos Vencedores do Concurso Nacional de Barmen

PROMOVIDA pela Delegação do Algarve do Clube Barmen de Portugal, decorreu no Hotel Baltum, em Albufeira, um cocktail em honra da representação algarvia, que em Lisboa, venceu o «I Concurso Nacional de Barmen» e parte hoje, dia 5, para Los Angeles, a fim de participar no certame mundial.

Presidiu ao acto o Governador Civil do Distrito, estando presentes altas individualidades, entre as quais o vice-presidente da Câmara Municipal de Albufeira, o presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, o director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, directores de hotéis e administradores das firmas colaborantes, dirigentes e sócios do Clube dos Barmen de Portugal, etc. A reunião decorreu em clima de grande cordialidade, sendo objecto de vivo apreço o êxito alcançado pela representação algarvia, constituída pelos srs. António Ventura Traquete (Tóto), Hotel Vasco da Gama; António Fernandes (Toni), Hotel Vilamoura e Mário José Inocência, Aldeia Turística das Pedras d'El-Rei. (Tavira). Aos brindes usaram da palavra os srs. Manuel Henriques da Silva, presidente da Delegação do Algarve do CBP, Aníbal Viera de Brito, pelo Clube dos Barmen de Portugal, Joaquim Cabrita Neto, industrial de hotelaria e administrador dos Estabelecimentos Tedefio Fontainhas Neto, Abel Silva, vice-presidente da Câmara Municipal de Albufeira, dr. Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, encerrando o eng. Lopes Serra, Governador Civil do Distrito de Faro.

Com a equipa vencedora deslocam-se a Los Angeles em representação do Clube dos Barmen de Portugal, os seus dirigentes srs. Eurico da Silva Paiva e Manuel Jorge Moniz Pereira.

II Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas de Música Cívica Promovido pela F. N. A. T.

Dado o enorme sucesso que se verificou a ano passado com o I ciclo de aperfeiçoamento de Bandas de Música Cívica, vai a F. N. A. T. este ano realizar novo ciclo.

Pretende-se assim proporcionar aos concorrentes a possibilidade de enriquecerem técnica e artisticamente os seus conhecimentos, resultando desta forma um benefício não só para estes como também para as Filarmónicas.

As inscrições deverão ser feitas até hoje, dia 3, na sede da F. N. A. T., em Lisboa, Calçada de Santana, 180.

Pequenos Apontamentos

LOUCOS

Era ao escurecer de um dia morrihento acabávamos de sair da igreja onde tínhamos ido prestar a nossa última homenagem a um morto. Tínhamos por companheiro um indivíduo mais novo quando nos saiu pela frente um homem desalinhado com indícios de embriaguez e que também devia ter tara de loucura.

Naturalmente porque embirra com os velhos e nós éramos o mais idoso foi conosco que se intrometeu. Não nos lembra o que nos disse, se tinham alguma coordenação os seus dizeres que eram uma série de dislates. Entretanto sempre incomodava e estávamos a reacar que passasse a termos ofensivos e até a actos agressivos. O nosso companheiro lá o foi afastando com evangélica paciência de palavras brandas mas receávamos que ela se esgotasse e se armasse ali algum conflito mais grave. Nunca se sabe até onde podem chegar as palavras e acções de um orate. Mas, felizmente, o eléctrico chegou e a intromissão foi sanada. E aqui temos como de um incidente simples se podia ter originado um conflito de consequências graves.

Vemos todos os dias actos criminosos praticados por pobres demetados e ainda não há muito foi o de um filho que agrediu gravemente o seu progenitor. No nosso concelho, há já bastantes anos, um rapaz deitou a mãe a um poço e lançou pedras sobre ela, acusando-a de lhe tecer bruxedos. E ainda não há muito foi um demente que feriu gravemente uma mulher e lá continua ameaçando aqueles a quem entende ter de fazer justiça.

Não negamos ao Governo os seus bons propósitos de estender por todo o país uma apertada e eficiente rede de saúde. Sabemos, e mais por cálculo que por estudo próprio, quanto é difícil levar por diante tamanha tarefa: quantias volumosas em construções e adaptações, aparelhagem, pessoal clínico e de enfermagem, etc., etc. Mas queríamos que as populações insistissem na execução dessa obra e não se distraíssem com outros planos de menor necessidade e urgência. Este ponto que focamos — recolta e tratamento de loucos — é de uma imperativa necessidade. Eles são um constante perigo para a nossa tranquilidade e vida além de um mau aspecto da nossa moral.

E devíamos também ajudar pecuniariamente e com outros auxílios pessoais que se não traduzem em dinheiro, mas não são menos valiosos. Devemos ter sempre presente o prego de São João de Deus: «Dai esmola a vós mesmos».

Hoje sois vós, amanhã podemos ser nós.

PASSEIO

Teve a nossa companhia necessidade de comprar uns metros de qualquer chita e pediu-nos para a acompanhar. Arrolamos todos os tecidos sob o nome genérico de chita porque assim era nos nossos tempos de juventude. Além da chita conhecíamos o riscado, o pano cru, com uma reverência para a seda que só cobria pessoas de alto coturno.

Não nos lembra de mais. Hoje que se adaptaram as fibras à nossa vestimenta há variadíssimas de nomenclatura mas supomos que tudo é o mesmo na ânsia de amealhar o dinheiro. Até a seda que já não é natural se vulgarizou numa democratização que parece a todos satisfazer. A nossa companhia é difícil de contentar em matéria de tecidos e, por esse motivo, tivemos de calcurrar a via-sacra dos estabelecimentos da Baixa. A certa altura já não custava a acompanhá-la e, por isso, quando entrou num estabelecimento ao Chiado, ficámos cá fora e, para descanso, sentámo-nos no peitoril do mostrador de uma das suas famosas casas de comércio. Enquanto nos regalávamos no repouso, fomos pensando quando seria que algum polícia ou empregado da casa nos mandava levantar por não sermos jarrão suficientemente formoso para ornamento de apartamento tão sumptuoso. Entretanto isso não aconteceu e aproveitámos para ir observando o que se passava em nossa volta. Seguíamos os automóveis com velocidade moderada dando campo a que atravessasse as ruas a multidão que se comprimia nos passeios. As motos, porém, não diminuíam o seu trepidar e só algum santo padroeiro dos pedes evitava algum desastre. Junto a nós, no passeio, uma senhora muito jovem ainda escorregou e ia-se estatelando, o que felizmente não aconteceu, não sendo necessário o amparo dos nossos braços que ainda lhe estendemos para isso. Ia desacompanhada e, todavia, não ia só. Estávamos extasiados perante a fantástica imaginação de costureiros e modistas para padrões de vestuário feminino são dessemelhantes. Saias que só o são porque assim se lhes quer chamar e outras

(Continua na 3.ª página)

Futebol

O Algarve

Campeonatos Nacionais

1.ª Divisão

Farense, 4 — Académica, 1 Oriental, 2 — Olhanense, 0

Mais um domingo, mais uma jornada do Campeonato realizada.

Para os clubes algarvios empenhados nesta tarefa, os destinos foram diferentes.

O Farense jogou em casa e ganhou com autoridade à Académica alcançando o seu mais elevado score da presente época, 4-1 e o Olhanense deslocou-se a Marvila, onde foi batido por 2-0 pelo Oriental, num jogo de certo equilíbrio que era por assim dizer comandado por uma claqué vibrante.

Neste momento o Farense tem 8 pontos e o Olhanense 5.

Derby Algarvio

No próximo domingo temos o grande jogo, porque é sempre sensacional um encontro entre os dois grandes do futebol algarvio.

Cremos que será um jogo correcto muito embora os adeptos se dividam, como é natural.

Nem sequer ousamos fazer vaticínios sobre os resultados da partida e só nos resta acrescentar que a 8.ª jornada do Campeonato da 1.ª Divisão assinala o encontro Olhanense-Farense, no Estádio Padinha.

2.ª Divisão

(Zona Sul)

O Portimonense foi empatar a Almada a zero bolas.

O simpático grupo algarvio prossegue na sua carreira inalterável, sem sofrer desaires como é seu hábito, e depois, lá para o fim do campeonato, como é costume também, surge uma complicação e embora mostrando a sua superioridade técnica, continua a pedalar na 2.ª divisão.

Embora a sua posição seja cimeira, nós algarvios, pugnamos pela elevação nesta época do grupo barlaventino à 1.ª divisão a que há muito tem jus.

No próximo domingo jogam: Lusitano — Portimonense

3.ª Divisão

(Zona D)

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Esperança, 6 — Estrela V. N., 1 Juventude, 2 — Lusitano V. R. 0 Vasco da Gama, 1 — Silves, 1

Domingo jogam:

Esperança — Amora Sambrazense — V. Novas Seixal — Silves



Luz de Tavira

Eleições — Foram bastante concorridas as eleições nesta freguesia. Não há memória de ter ocorrido às urnas tão elevado número de eleitores. Nos cadernos eleitorais estavam inscritos 714 e votaram 625; percentagem, 87%.

Verificou-se também que cerca de uma centena de habitantes da freguesia, que ainda não estavam inscritos nos cadernos eleitorais, aproveitaram aquele momento de euforia para espontaneamente se inscreverem para a próxima eleição. — C.